

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, OUTUBRO/2007 - ANO XI - Nº 129

Foto Arquivo Pró-Memória

EDITORIAL

Os meios de comunicação têm noticiado quase que diariamente novos casos de corrupção por todo o país. O lamentável é que a grande maioria ocorre principalmente na esfera pública: milhões e milhões de reais são desviados, deixando de ser investidos em saúde e educação.

Parece que o mau caratismo de muitos homens públicos passou a fazer parte do cotidiano brasileiro e que não se tem mecanismos para conter a doença da corrupção que se alastra por todos os lados. O cidadão honesto, perplexo, sente-se impotente frente a esses descabros e não sabe como agir. Engana-se, porém, quem pensa que esses problemas não têm solução. O Ministério Público vem, nos últimos anos, atuando contra essa prática, de maneira enérgica, de modo que muitas figuras que se julgavam blindadas pelo esquema estão sendo investigadas, julgadas e condenadas. É bom lembrar que ninguém está acima da lei.

O Brasil é um dos primeiros no ranking de países com maior desigualdade social do mundo: a distância entre os mais ricos os mais pobres é gritante. Por trás desse vergonhoso problema está a corrupção: ela atua como um vírus insidioso que destrói o Estado por dentro, alastrando empreguismo, preterindo funcionários competentes por “homens-do-esquema”, pervertendo o processo decisório, multiplicando ineficiências, corrompendo e desviando recursos públicos.

Enquanto não acabarmos com a corrupção em todos os níveis de governo, o Brasil continuará sendo um país periférico, desigual e injusto.

Os vícios políticos precisam acabar. Compra e venda de cargos, nepotismo, concorrências fraudulentas, além de outras falcaturas, devem ser denunciados. Está na contramão o político que manipula as pessoas e contribui para a perpetuação da ignorância e da miséria.



A criação da nova paróquia de Santo Antônio permitirá a presença diária de um líder religioso na comunidade, cuja missão será preparar os fiéis não apenas para a prática da religião, mas também para o exercício da cidadania. Foto de 20-10-2007.

Piquete ganha nova paróquia

É motivo de orgulho e regozijo para todos os piquetenses a criação da Paróquia de Santo Antônio, que será oficializada no próximo dia 8 de novembro. A Fundação Christiano Rosa parabeniza os moradores do bairro de Santo Antônio e a comunidade católica de Piquete por esse momento histórico na vida de nossa cidade.

A cerimônia de instalação canônica será presidida pelo bispo diocesano de Lorena, D. Benedito Beni, e acontecerá na capela de Santo Antônio, que será elevada à condição de matriz. Farão parte da nova paróquia as capelas de São Bom Jesus, na Tabuleta, de São Benedito, na Vila Barão, de Santa Mônica, no Alto da Bela Vista, e a de Nossa Senhora Aparecida, no Bairro dos Marins.

Nos últimos meses, tiveram início os preparativos para a instalação dessa nova paróquia, que, sem dúvida, vai exigir mais compromisso dos fiéis na sustentação do próprio caminhar. A posse do primeiro pároco, Pe. Daniel Capucho, acontecerá nessa cerimônia. É um evento que ficará gravado na memória dos piquetenses, principalmente na comunidade do Bairro onde se localiza a capela de Santo Antônio, pela qual sempre nutriram grande amor e dedicação. Foram esses moradores, simples, e fervorosos na fé que a construíram e

mantiveram até hoje o espírito comunitário que norteou o crescimento do bairro, contribuindo para o desenvolvimento de Piquete.

A vida de uma cidade é a somatória dos trabalhos e esforços de todos. É um acontecimento dinâmico que se manifesta ao longo dos séculos, por obras materiais e espirituais que lhe conferem personalidade própria e das quais emana sua alma. A nova matriz será testemunho precioso do passado, que será respeitado, a princípio, por seu valor histórico e sentimental. A comunidade é encarregada de sua proteção; tem a responsabilidade e a obrigação de fazer de tudo para transmitir intacta para as futuras gerações essa nobre herança.

Com a presença diária de um líder religioso à frente dessa nova paróquia, novos e melhores tempos são esperados por todos. A missão da paróquia é preparar os fiéis, não apenas para a prática da religião, mas também para o exercício da cidadania.

A Igreja é rica de exemplos de cidadania e de trabalhos comunitários a serem imitados. A Igreja deve ser social e instrumento de salvação. Por isso, ao se constituir uma paróquia, é obrigação dela exercer a sua função salvadora dentro de cada comunidade.

Imagem - Memória



Foto arquivo Pro-Memória

O desafio da escola é formar indivíduos para interagir no mundo. Na foto, Waldemar Brito de Aquino, diretor da FPV a recebe o prefeito Luiz Vieira Soares, o professor José Pereira Éboli, Delegado de Ensino, o professor Sinésio de Castro, Inspetor Regional, e demais autoridades e professores, por ocasião das comemorações do Dia do Professor, em 1948.

Homenagem ao Dia do Professor

Muitos se lembram da excelência do corpo docente mantido pelo Departamento de Assistência Educacional da FPV, nos anos 40. Foram coadjuvantes de uma experiência educacional sem precedentes no Vale do Paraíba, e que se tornou referência para todo o Brasil. Aqui foram aplicadas as reformas educacionais promovidas pelo Ministro da Educação do governo Getúlio Vargas, Gustavo Capanema. Foram tão bem sucedidas que, passadas mais de cinco décadas, se aplicadas atualmente, seriam modernas e inovadoras.

Em dois de maio de 1939, um Decreto Lei assinado por Getúlio Vargas obrigava as empresas com mais de quinhentos operários a manter "cursos de aperfeiçoamento profissional" para adultos e menores, de acordo com os Ministérios do Trabalho, Indústria e Comércio, e da Educação e Saúde. Esse Decreto concretizou-se em Piquete com a criação do Patronato da Fábrica, em novembro desse ano. Ele foi o embrião de um amplo trabalho desenvolvido no campo da educação, nos anos subsequentes. Diante da necessidade de operários especializados, a direção da Fábrica consentiu que um pequeno grupo de adolescentes aprendesse ofícios em suas oficinas. Teve início o Aprendizado Industrial.

Em 1942, o diretor dessa indústria bélica, Cel. Waldemar Brito de Aquino, criou o Departamento de Assistência Educacional, potencializando o trabalho iniciado anteriormente. Nesse mesmo período, o capitão José Pompeu Monte, chefe da Divisão de Construção dessa indústria, criou a Escola Industrial Masculina (antigo Aprendizado Industrial). Essa nova escola teve uma

estrutura completa e intenso dinamismo, dentro da idéia da Escola Nova do professor Lourenço Filho. Além das disciplinas de cultura geral e de formação técnica, logo apareceram atividades extracurriculares enfileiradas no "Círculo da Juventude de Piquete", com a finalidade de ministrar educação social, visando-se à conscientização do aluno para a participação ativa como cidadão. Nos anos seguintes, foram criados a Escola Industrial Feminina, em 1943, o Ginásio, o Ensino Primário e o Jardim da Infância, em 1945; a Escola Normal, em 1950; e o Curso de Aperfeiçoamento de Professores, em 1959. Foi criada, também, a Escola Agrícola, voltada para crianças e jovens menos favorecidos economicamente.

Essa experiência educacional oferecida pela Fábrica concorreu para a transformação dos jovens piquetenses e passou a chamar a atenção de educadores de todo o país. Em 1946, o iminente pedagogo Lourenço Filho, em visita às diferentes escolas do Departamento Educacional da Fábrica, deixou consignadas suas boas impressões quanto ao aspecto educacional desenvolvido em Piquete.

A Fábrica, reconhecendo a importância dos professores para o sucesso desse empreendimento, todos os anos, no dia 15 de outubro, comemorava condignamente o Dia do Professor. No ano de 1948, as homenagens se estenderam a todos os profissionais em exercício no município, e não só aos do Departamento Educacional. A manhã festiva culminou com um almoço, em que estiveram presentes, como convidados especiais, o senhor Luiz Vieira Soares, Prefeito Municipal, professor José Pereira Éboli, Delegado Regional de Ensino, e o

professor Sinésio de Castro, Inspetor Regional. Também compareceram: o General Waldemar Brito de Aquino, o Tenente-Coronel José Pompeu Monte, o Tenente-Coronel Almir Autran Franco de Sá, o Major Orlando da Costa Canário, o Capitão doutor Otávio Tibúrcio Ferreira, o Tenente Ulisses Vieira Lima, o Major Flávio Ferreira da Silva, o professor Melquíades Pereira Júnior, diretor do Grupo escolar da Fábrica, o professor Alexandre Ferreira Pedro Filho, diretor do Grupo Escolar "Antônio João", o professor Laércio José de Azevedo, diretor da Escola Agrícola, o professor Lutgardes de Oliveira, diretor do Ginásio da FPV, o professor Leopoldo Marcondes de Moura Netto, diretor da Escola Industrial Feminina, e professores. Ao banquete discursaram o Tenente-Coronel José Pompeu Monte e o professor Augusto Ribeiro de Souza, diretor da Escola Industrial Masculina.

O desafio da escola é formar indivíduos para interagir no mundo. Em Piquete, na década de 40, este objetivo foi alcançado.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:

Antônio Carlos Monteiro Chaves

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor: Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Coronel Pederneiras, 204

Tels.: (12) 3156-1192 / 3156-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração:

Marcos R. Rodrigues Ramos

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1000 exemplares

A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

GENTE DA CIDADE

Margarida Piva

Não há quem não a conheça em Piquete. Referência do bairro de Santo Antônio, atenta aos problemas da comunidade, sempre se empenhou em obras sociais. Assistiu ao nascimento e crescimento do bairro, participando de momentos alegres e tristes. Orgulha-se de ter trabalhado em prol das obras da igreja de Santo Antônio, de cuja vida participa com dedicação.

Margarida Rodrigues de Freitas Piva nasceu em Piquete, no bairro do Benfica, em 24 de junho de 1930. É uma dos 12 filhos do casal Luiz Rodrigues de Freitas e Isolina de Paula. O pai, funcionário público federal, era responsável pela vigilância das matas e caminhos de acesso à Fábrica de Pólvora, no bairro. Por curto período a família morou no alto da serra, quando o pai foi cuidar do Sanatório Militar de Lavrinhas, que se encontrava desativado pelo Exército. Nesse período frequentou uma escola em São Francisco dos Campos, tendo sido alfabetizada pela professora Irene Ramos. Quando contava 8 anos, a família retornou para Piquete, e ela foi matriculada na Escola Rural Mista do bairro do Benfica. Recorda-se que, em julho de 1939, a professora Maria Aparecida Araújo, esposa do professor Lutgardes de Oliveira, e os alunos ficaram à beira da estrada próxima à escola, para saudar o presidente da República Getúlio Vargas, que vinha de Itajubá para visitar a Fábrica de Piquete. Margarida concluiu os estudos primários no Grupo Escolar Antônio João, inaugurado no final de 1940. Por essa época, seu pai comprou de José Andrade Nunes um terreno da Fazenda Santa Terezinha para construir uma casa. Mais tarde, essa fazenda foi vendida para o Sr. Nhô dos Santos, que loteou parte das terras que vieram a formar o Bairro do Bambuzinho. Margarida Piva lembra que a região era uma ampla área de várzea cortada pela Estrada de Minas, em cujas margens havia extensos arrozais. Havia poucas casas e um renque



de bambuzinhos ao longo do caminho, o qual acabou denominando o lugar. O silêncio era diariamente quebrado pelos cincerros das tropas, pelo aboio das boiadas, por caravanas de romeiros e pela buzina da jardineira que cruzavam esse caminho. Recorda-se dos vizinhos da infância: as famílias de Tonico Torres, José Cristina, Manuel Tobias, Eduardo Toledo, José Serafim Machado, Benedito Pereira Leite (Dito Amador), Borbinha...

“Não havia luz elétrica, calçamento e nem água encanada no bairro. Foi uma festa quando a REPI trouxe a energia elétrica”. Aos poucos, outros melhoramentos foram chegando. Em 1947, conheceu Francisco Piva, mineiro de Baependi. Após namoro de 2 anos, casaram-se em 14 de maio de 1949. Tiveram 7 filhos, 16 netos e 2 bisnetos.

Espírito cidadão e batalhadora, Margarida Piva, além dos afazeres da casa, trabalhou como voluntária no Fundo Social de Solidariedade, militou na política, e, por mais de 30 anos, participou dos corais Santa Cecília e Carmem Rodrigues.

Merecidamente, em 1999, recebeu a Placa de Prata da Câmara Municipal de Piquete.

Religiosa e de bem com a vida, todo ano Margarida Piva comemora São João e seu aniversário com uma já tradicional festa, quando se reza o terço, levanta-se o mastro com a figura do santo, acende-se uma fogueira e são reunidos amigos e familiares: “É a comemoração da vida... Rezo o terço e agradeço por tudo aquilo que Deus me proporcionou.”

A violência não nasce do nada

Pe. Fabrício Beckmann

Tratamos a violência presente entre nós como se ela fosse fruto da escolha de alguns delinquentes que, desajuizadamente, sem nenhum motivo, optaram por ela simplesmente por prazer. A origem da violência tem um endereço bem definido e nem sempre é ilegítima.

Paulo Freire, o grande educador brasileiro, falecido há dez anos, afirmou em seu mais importante livro, “Pedagogia do Oprimido”, que “inauguram a violência os que oprimem, os que exploram, os que não se reconhecem nos outros. Os que inauguram o terror não são os débeis que a eles são submetidos, mas os violentos que, com o seu poder, criam a situação concreta em que se geram os demitidos da vida, os esfarrapados do mundo.”

Geralmente, os violentos que chamamos de bandidos, malvados, ferozes, ladrões, subversivos, bárbaros e selvagens foram os primeiros violentados, privados de seus direitos, condenados a todas as formas de miséria. Normalmente, a violência praticada por esses homens e por essas mulheres que costumamos chamar de delinquentes é uma tentativa de ruptura da “ordem” injusta, porém, dita legal, que nunca os privilegiou, nunca lhes garantiu dignidade. Muitos de seus atos violentos podem ser legítimos, porque contrariam uma legalidade ilegítima e tendenciosa, favorável aos que acumulam posses e poder, e geram a miséria e a submissão. Em alguns casos, a agressividade torna-se o único meio possível de se estabelecer uma nova ordem que seja mais justa.

Diz Paulo Freire que, enquanto a violência dos opressores faz dos oprimidos homens proibidos de ser, a resposta destes à violência daqueles está cheia da busca do direito de ser. A luta por ser dos que estão submetidos, ainda que violenta, retira o poder de oprimir e esmagar dos que submetem, restaurando-lhes a humanidade que haviam perdido no uso da opressão.

O autor bíblico que compôs o salmo 85 expressou em uma única frase o caminho a ser trilhado para que a sociedade supere a violência: “Justiça e paz se abraçam”. Se não houver distribuição de renda e de terra, acesso de todos aos bens necessários, à boa qualidade de vida, ao conhecimento e à possibilidade de ler, pronunciar e criar o mundo, enfim, se não houver justiça, mas se perpetuarem as estruturas que inauguram a violência, que “favorecem” apenas aqueles que as criam, visando ao aumento e à manutenção de seus poderes, então a antítese do salmo 85 será sempre uma dura realidade vivida por nós: a injustiça e a violência continuarão se abraçando.

Coral Carmem Rodrigues na igreja de São José, em 31 de maio de 1962. Margarida Piva participou, por mais de 30 anos, deste e do Coral Santa Cecília.



Memorial dos Moradores de Piquete - 21

Sr. Genário da Silva Coelho e Família

Em Piquete, após a instalação da Fábrica Presidente Vargas (15-3-1909) tornou-se comum aos homens trabalhar no citado estabelecimento fabril bélico. Raras as famílias das quais um ou mais componentes masculinos não tenham ali trabalhado, até porque era praticamente a principal fonte de emprego, exceção feita aos cargos da burocracia municipal e estatal, educação, comércio, serviços de saúde patrocinados pelo Estado e transportes. Entretanto, numericamente, a maior parte da mão-de-obra empregada pertencia aos quadros da Fábrica, acrescida dos que se engajavam nos seus departamentos educacionais e sociais, de saúde, esportes e lazer. Assim, é interessante observar a participação dos elementos produtivos que se manifestaram paralelamente a essas atividades e tornaram-se representantes das forças vivas da comunidade. Aqui tratamos de um desses. Referimo-nos ao Sr. Genário da Silva Coelho, cujas filhas, duas damas piquetenses, fizeram-me várias considerações que enriquecem este texto. As duas, Terezinha da Silva Coelho (Nenê), solteira, e Maria Aparecida da Silva Coelho Souza, professora, casada com o Sr. João Gomes de Souza, estão entre os seis filhos do casal. Casal constituído pelo Sr. Genário, acima citado, e Dona Adelaide da Silva Coelho, com os seis filhos distribuídos cronologicamente na seguinte ordem: Hugo da Silva Coelho, nascido a 27/8/1925, já falecido, Moacir da Silva Coelho, nascido a 3/2/1927, Terezinha da Silva Coelho, nascida a 10/9/1929, Paulo da Silva Coelho, nascido a 14/2/1931, Darci da Silva Coelho, nascido a 13/2/1938 e Maria Aparecida da Silva Coelho, nascida a 4/10/1939.

O Sr. Genário da Silva Coelho, mais conhecido como Seu Vidinho, era filho do português Isaías Lima Coelho, fazendeiro em Aparecida, e Dona Corina Lima Coelho, irmã do Capitão José de Brito, proprietário de fazenda em Piquete (a antiga fazenda do Barão de Santa Eulália). Seu Vidinho era proprietário de terras, dedicado à agrope-

cuária e ao comércio em Piquete.

Dona Adelaide, natural de Piquete, era filha de D. Edwirges, moradora do Itabaquara e dedicada a atender parturientes, além de ser daquelas mulheres de muitos afazeres requeridos pela vida rural. O marido era o Sr. Paulo Gabriel da Silva Leite. O casal com os filhos mudaram-se posteriormente do Itabaquara para a fazenda Santa Isabel, em Piquete, de propriedade do Sr. Heitor Vilela Nunes. Ali exerciam atividades da faina agrária.

O Sr. Genário da Silva Coelho, que era



proprietário e comerciante, nasceu a 20/09/1893, em Guaratinguetá, e morreu em Piquete a 21/04/1978. Sua esposa, Dona Adelaide da Silva Coelho, nasceu no Itabaquara (zona rural de Piquete) a 9 de novembro de 1905 e morreu a 18 de junho de 1995, na cidade de Piquete, às vésperas de completar 90 anos. Segundo Nenê, o pai, entre as muitas atividades, caçava serpentes para serem enviadas ao Instituto Butantã, onde eram objeto de estudo e de experiências na obtenção do soro antiofídico. Registrou que o Sr. Genário recebia, para tal atividade, uma caixa própria devidamente etiquetada a ser embarcada na ferrovia com destino a São Paulo. Fez questão de salientar o seu zelo e cuidado em preparar a embalagem para que estivesse bem fechada com a cobra aprisionada, e sem perigo de escape. Descreve o laço que era enviado para caça ao ofídio e a atenção meticulosa dedicada à execução desse trabalho. Nenê e Cida, em descrição detalhada, falam da vida e labuta de trabalho

de seu pai na criação e venda de animais, e de produtos dos afazeres para suprir as necessidades próprias e locais. Era um tempo de produção para subsistência ou auto-suficiência. Comercializava-se o excedente. A lembrança da vida rude da população na época – na primeira metade do século passado – centrou-se nas etapas do trabalho, desde a própria construção das casas de moradia, o auto-abastecimento, o envolvimento em todas as atividades e a preparação dos filhos para a faina diária. Os relatos vivos da descrição da vida familiar, desde os casamentos, os nascimentos, a hierarquia familiar e a vida cotidiana do trabalho intensivo eram marcados por um tempo de memória cuja força se alicerça na união do grupo familiar. Como esteios de uma sociedade regrada pela participação produtiva, a obediência, a retidão dos costumes e a sinalização de fortes elos domésticos. Reservado a cada um o papel de desempenho das funções estipuladas pelo grupo de pertencimento, cujas afinidades eletivas se conformavam a um padrão afinado por normas éticas e respeitado por habituação e costume.

Minhas entrevistadas repetiam em uníssono o que testemunharam e viveram. Na memória ativada, referência especial foi para a Revolução de 1932, por ter marcado indelevelmente a vida da cidade de Piquete na primeira metade do século XX. De como as famílias se retiraram para fugir dos avanços das tropas federais e de como a família de “seu” Vidinho permaneceu nas atividades da casa comercial de sua propriedade, onde fornecia o que era requisitado pelos oficiais graduados. E de como na cozinha a família dava conta dos pedidos por uma comida mais condimentada, ao gosto das tropas de Getúlio, compostas de nordestinos saudosos dos locais de origem a solicitar sabores mais acentuados e apimentados. Tempos de guerra e de ter cuidados, até que a paz se restabelecesse e a vida voltasse ao compasso normal das relações das amigadas e compadrios.

Dóli de Castro Ferreira

Entrevista em 25 de julho de 2007

“O hábito do trabalho modera qualquer excesso, induz à necessidade de organização, ao gosto pela ordem; da ordem material chega-se à moral: portanto, o trabalho pode ser considerado como um dos melhores auxiliares na educação.”

Massimo Azeglio

A origem do bairro e a construção da Capela de Santo Antônio

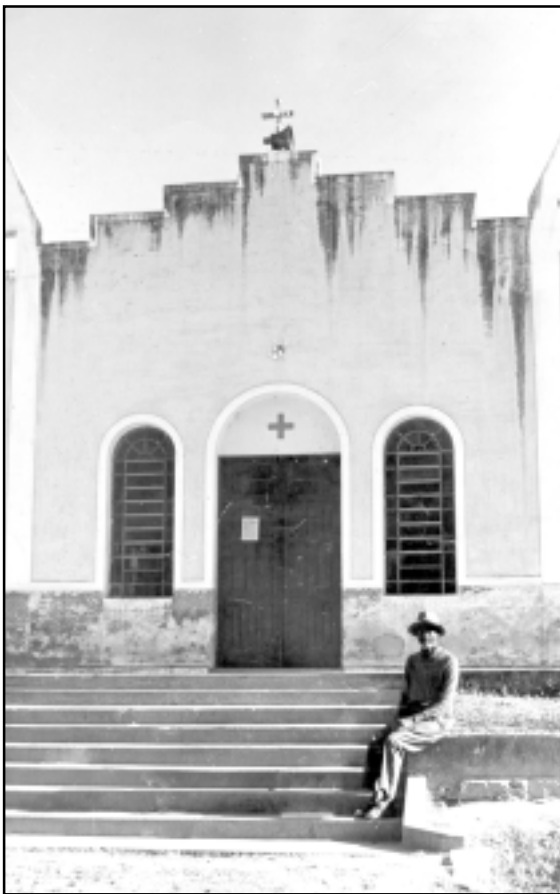
A igreja de Santo Antônio é referência arquitetônica no bairro do Bambuzinho e presença marcante na memória de seus moradores. Marco do trabalho comunitário, deve-se a eles sua construção, bem como sua transformação em sede de paróquia e elevação à condição de matriz, no próximo dia 8 de novembro.

A falta de documentação oficial levou-nos a resgatar a história do bairro e da construção da primitiva capela por meio de testemunhos de antigos membros da comunidade: Lúcio Serafim Machado, Margarida Piva, Alzira Mendonça de Toledo, Geni Pereira Leite, José Raimundo de Faria, Benedito Gonçalves, Judith Uchôas, Lourdes do Quitê, memórias vivas do local... Para eles, o passado surge fragmentado, como uma colagem de lembranças.

A festa de Santo Antônio, no mês de junho, é importante pelo seu significado na marcação do tempo. Muitos deles foram, por diversas vezes, festeiros de Santo Antônio, tendo participado ativamente na construção da antiga e da atual capela. Estão plantados com raízes profundas no bairro que ajudaram a construir e viram crescer.

A origem do bairro do Bambuzinho, atual Santo Antônio, remonta ao final dos anos 40. Surgiu da divisão e venda, em diferentes épocas, de parte das terras da fazenda Santa Terezinha pertencente a José Andrade Nunes, que a vendeu para Manoel Ribeiro dos Santos Filho, conhecido como Nhô dos Santos. Cortada pela estrada de Minas, a região era uma extensa várzea onde se cultivava arroz. O bucolismo da paisagem era marcado pelo azul da serra, por inúmeros córregos, poucas casas dispersas e um renque de bambuzinhos – daí a origem do nome do local.

Por volta de 1950, havia na entrada desse lugarejo uma Santa Cruz, em terreno de José de Souza (Zé Cristina). Certo dia, um conhecido andarilho de nome Antônio foi encontrado morto no local. Cogitou-se, então, construir uma capela junto a essa Santa Cruz. E assim foi decidido... A iniciativa foi de José André Gonçalves, que contou com o apoio dos vizinhos José de Souza, Luiz Wenceslau e Luiz Rodrigues de Freitas. A



igrejinha foi construída com recursos e mão-de-obra da própria comunidade. Pequena, media aproximadamente 2,5m de frente por 4m de comprimento. Tinha uma grande porta, doada pela Fábrica de Pólvoras, e uma janela lateral. No interior, duas fileiras de três bancos, também doados pela FPV, e um nicho central com a imagem de Santo Antônio. Uma vez por mês, o padre da cidade celebrava missa do lado de fora.

Durante o ano de 1952, a Capela recebeu especial atenção do Padre João Hipólito de Moraes, que pretendia construir uma igreja maior. Por essa época, Nhô dos Santos havia loteado parte de suas terras, doando amplo terreno para a nova igreja.

Em janeiro de 1953, chegou a Piquete o Padre João Baptista Seraphim, que decidiu iniciar a obra. Os recursos vieram de quermesses, rifas, leilões e bingos. No início de 1954, teve início a construção. Antes, porém, teve que ser providenciado novo terreno para o 1º de Novembro, time de futebol do bairro, cujo campo era justamente no local destinado ao novo templo.

Próximo a esse terreno havia uma olaria e o padre João Baptista encomendou os tijolos ao oleiro Geraldo Fortunato Faria (Geraldo Eva) e seu filho José Raimundo. Foram queimadas mais de 30mil unidades. Trabalharam na obra um pedreiro de nome Nilo, seus filhos e também Luiz Mota. Apesar dos percalços, como uma ventania que, certo dia, derrubou uma das paredes, com a ajuda da comunidade a igreja ficou pronta e foi destinada ao culto em 1955. A partir de então, ficou à frente de sua administração, zelando e cuidando, por décadas, de seu patrimônio, Eduardo Nascimento de Toledo, substituído por Izabel Cristina M. Ribeiro, e Maria Aparecida, atual responsável.

Para os antigos moradores, a festa de Santo Antônio é símbolo do espírito comunitário que sempre norteou o dia-a-dia da comunidade. Citam que, em todo mês de junho, a programação iniciava com uma trezena, enquanto os festeiros arrecadavam prendas por toda a cidade e confeccionavam cartuchos coloridos de papel crepom, que eram recheados de doces e balas. Frangos caipiras, leitoas e garrotes eram ganhos em quantidade para serem leiloados. Para o dia da festa, as ruas amanheciam enfeitadas com arcos-de-bambu, bananeiras e muitas bandeirinhas. Os moradores eram acordados com queima de fogos e alvorada,

inicialmente pela Banda da Fábrica e depois pela Corporação Musical Piquetense. Havia missa solene seguida da distribuição dos pães de Santo Antônio. Participavam moradores da cidade e da zona rural. O ápice da festa era a procissão, seguida, do último dia, de quermesse animada por sanfonas. Nessa festa iniciaram-se muitos namoros, resultando em casamentos duradouros... Afinal, o padroeiro do Bairro, Santo Antônio, é o santo casamenteiro...

AC



Crônicas Pitorescas

Se ficar, o bicho come...

Palmyro Masiero

Vamos colocar as coisas nos seus devidos lugares! Se tem cara aí querendo dar um passeio na geometria através de suas figuras, o problema é dele. Mas, impingir que todos seja obrigados a isso para ficarem “por dentro” ou “é o que todo mundo usa!”, comigo não! Prefiro continuar com minha velha condição de quatro lados e quatro ângulos iguais: quadrado mesmo...

Afinal, estão nos fazendo de marionetes e, pacificamente, vamos aceitando, por não nos deixarem opções. E a gente engolindo... Devagar, jacaré! Está tão bravo o negócio, que muitos de personalidade não muito firmes lá das pernas estão bamboleando por aí... E os culpados disso tudo (duro de acreditar!) são pessoas da coluna um ou do meio. As mulheres não têm nada a ver com o caso, pois também são vítimas. Existe, porém, uma diferença: elas aceitaram e com isso satisfazem uma de suas virtudes: a vaidade. Mas a homarada partindo para o narcisismo é pra santo cair do andor!

Mais especificamente, vocês já devem ter percebido que pretendo falar da moda masculina. Não vamos falar de cabeludos e barbudos, que isso não passa de mera repetição histórica, e nem de camisas, japonas, etc, que são digeríveis. De outras peças, sim senhor... Vejam: antigamente, tínhamos calças com botões na vista... da mesma. Era uma segurança. Ninguém nos consultou ou sequer pediu nossa opinião. Simplesmente retiraram as rodinhas de quatro ou dois furos e em seu lugar colocaram um fecho. Qual a diferença? Constantemente, o bandido abre ou arrebenta quando lhe dá na veneta... E, de modo geral, em horas as mais inconvenientes... Resumo: perdeu-se a confiança na vista... Uns se arranjam com araminhos, clips, etc, para prender o bicho no seu devido lugar. E nessa até mulher entra. Agora, pergunto: alguém de nós fez qualquer reclamação ao

modista-comodista-economista que eliminou os botões com suas tradicionais casinhas para colocar aquele trenzinho que corre em cima de um trilho, abrindo e fechando quando bem entende? Não! Ninguém! Nos impuseram e pronto! Quer botão? Encomenda, meu filho... Em alfaiate!

Mas não pára nesse desarranjo o problema das calças masculinas. A moda manda que elas sejam apertadinhas, justinhas, modelando o corpo. É um despendango! Distinto com barrigão e... e... e... poupança meio pra tonelada fica ridículo! Unisex... Pros diabos! E os bolsos? Onde estão? Como levar os trens masculinos? Heim? Respondam! Em bolsas, outrora adereço só de mulher. Sentiram a sutileza? Será esta a fórmula encontrada e não declarada para a solução do problema de explosão populacional? É uma barbaridade! Vamos convir que são as mulheres que estão lutando para chegar a ter nossos direitos e não nós para chegarmos aos delas. Como é que fica?

Ganhei de um amigo quando colhi mais um abacaxi no terreiro da vida, uma caixinha de plástico contendo três cuecas. Abri o envólucro e quase apelei, mandando o simpático ir gozar com os caros dele. Mas não eram calcinhas femininas, como pensara... Eram cuecas mesmo... Cuecas tanga ou sei lá como são chamadas... E eu vou usar isso? E, se por uma infelicidade tiver de me despir perto de outros homens? Os caras vão me olhar “de través”!

Está difícil distinguir homem de mulher dentro do atual contexto modal! Para sanar as dúvidas eu ainda arriscava uma olhadela nas orelhas, matando a charada... Mas quê... Hoje em dia? Tá aí a marmanjada toda embrincada também!

Homens do meu Brasil varonil, vamos nos unir e nos impor, pois, do jeito que a coisa está indo, um dia a casa, digo, a calça cai!

Perna de pau

Edival da Silva Castro

Dentre as brincadeiras de criança havia uma que exigia habilidade: a perna de pau.

Lá pelas bandas do ginásio da FPV ia cortar o bambu para feitura da mesma. Escolhia o mais grosso. Depois de limpo, arrastava-o até em casa. Para se fazer a perna de pau não havia segredo: cortava o bambu um pouco mais do que a nossa altura. Entre o dois primeiros gomos fazia um buraco e colocava uma toco para servir de apoio aos pés, o que permitiria a locomoção.

Nas peladas com bola de meia, meus colegas achavam que eu era perna-de-pau. Não sabia chutar, driblar, tampouco fazer gols. Estavam sempre tirando sarro com minha cara. Eu não ligava muito, gostava mesmo era de estar me equilibrando sobre uma perna de pau. Quando saía à rua, manobrando-a, todos vinham e queriam dar uma voltinha. Claro que eu não deixava. Então lhes mostrava minhas habilidades: subia e descia escadas, andava com as mãos esticadas pra frente, dava uns pulinhos e até dançava.

Notei que pouco tempo depois, a criança tomou gosto pelas pernas de pau e a rua encheu-se delas. Existiam algumas feitas em marcenaria, torneadas e pintadas.

Fui o ganhador da primeira corrida de perna de pau. Concorreram uns dez garotos. O segundo lugar perdeu-se de vista. Ganhei como prêmio um lindo e colorido bilboquê. Passei a praticá-lo, tornando-me exímio jogador na arte de encaixar o bastonete na bola de madeira.

Quando jogava bola e era tachado de perna-de-pau, eu não gostava, mas aceitava o deboche. Sendo campeão da primeira corrida, todos passaram a me rodear e querer aprender a técnica de como correr veloz, mesmo com uma perna de pau feita de bambu.

Aí, seria mancada se eu ensinasse.

Três gigantes... em três momentos...

Basta Pensar em Sentir

Basta pensar em sentir
para sentir em pensar.
Meu coração faz sorrir
meu coração a chorar.
Depois de parar de andar,
depois de ficar e ir,
hei de ser quem vai chegar
para ser quem quer partir.
Viver é não conseguir.

Fernando Pessoa

Retrato

Eu não tinha este rosto de hoje,
assim calmo, assim triste, assim magro,
nem estes olhos tão vazios,
nem o lábio amargo.
Eu não tinha estas mãos sem força,
tão paradas e frias e mortas;
eu não tinha este coração
que nem se mostra.
Eu não dei por esta mudança,
tão simples, tão certa, tão fácil:
— Em que espelho ficou perdida
a minha face?

Cecília Meirelles

O fim no começo

A palavra cortada na primeira sílaba.
A consoante esvanecida
sem que a língua atingisse o alvéolo.
O que jamais se esqueceria
pois nem principiou a ser lembrado.
O campo — havia, havia um campo?
irremediavelmente murcho em sombra
antes de imaginar-se a figura
de um campo.
A vida não chega a ser breve.

Carlos Drummond de Andrade

Navalha na carne

“Tropa de Elite” é o assunto do momento. Jornais, revistas, “talk-shows”... Todos discutindo o Capitão Nascimento; ou melhor, discutindo seu “modus operandi”.

Convicta e assustadoramente interpretado por Wagner Moura (o inescrupuloso Olavo de “Paraíso Tropical”, que já morreu...), Capitão Nascimento, membro fictício do Batalhão de Operações Especiais (BOPE) da polícia do Rio de Janeiro conduz uma equipe que persegue, espanca, tortura e mata para atingir seu objetivo – o de acabar com os traficantes. A crítica aplaude. A “patrulha ideológica”, porém, metralha a fita: na VEJA, por exemplo: “A tortura deve ser recusada porque ultrapassa uma fronteira muito nítida entre a civilização e o ataque. Não existe falácia jurídica ou malandragem conceitual que a torne admissível”. E essa foi uma das críticas mais suaves que li.

O filme é chocante, pois trata bandido como bandido. Apresenta, ainda, a guerra do tráfico no Rio de Janeiro, as conflitantes e extremas condições da polícia, a difícil rotina do honesto morador das favelas, o consumo de drogas por “playboys” e “patricinhas” – sustentando, assim, a bandidagem –, e a facilidade com que usuários “limpam a consciência” participando de passeatas pela paz.

“Há algo de profundamente errado em uma sociedade que só aplaude a polícia quando ela se comporta como bandido”. É muito fácil chegarmos a essa conclusão no momento em que “Tropa de Elite” está em evidência. Porém, vale uma reflexão: acreditamos que a polícia, quando invade uma favela, age sob os “ditames da Lei”? Se

a resposta é sim, novo questionamento: acreditamos que seja possível fazê-lo? Essas perguntas há muito deveriam ter sido feitas. Como não foi o que aconteceu, o caso, agora, não é aplaudirmos ou não a situação. É chegada a hora, sim, de tomarmos atitudes, uma vez que, ao menos na ficção, confirmamos a dura realidade brasileira (mais especificamente a carioca). Já que sempre agimos pela emoção, aproveitemos a situação para cobrar políticas sérias de segurança pública e não apenas ações pontuais, como as tomadas em grandes eventos como os Jogos Panamericanos, em que o Rio de Janeiro podia ser comparado a Genebra em questões de segurança.

“Tropa de Elite” é baseado em livro homônimo escrito por Luiz Eduardo Soares e pelos policiais André Batista e Rodrigo Pimentel. Mostra, portanto, a visão de quem vivenciou a realidade que nos é apresentada: a cumplicidade conveniente com o “Comando” por parte de ONGs, o dilema do policial que não pode confessar sua profissão, violentando-se ao tolerar o consumo de drogas por seus colegas de classe... O que fazer, então? Parar o trabalho realizado, no caso das ONGs? Isolar-se da turma, fechando os olhos, no caso do universitário policial? São questões que só serão resolvidas quando acabarmos com a raiz de nossos problemas: a corrupção. Se esse mal que ataca todos os setores do Brasil não for dizimado, continuaremos a nos assustar quando, por vezes, em nossas confortáveis poltronas, sentirmos na carne o corte da navalha, que já era afiada desde 1967...

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Corredor Ecológico do Ribeirão Limeira

Encontra-se em andamento o projeto, elaborado pela FCR, de formação do corredor do ribeirão Limeira. Uma ampla área de recarga próxima às nascentes desse curso d’água está sendo cercada e preparada para o plantio de mais de oitenta espécies de mata nativa, que deverá acontecer nos próximos meses, durante o período de chuvas.

O histórico de ocupação do Vale do Paraíba, região inserida no bioma da Mata Atlântica, e onde se localiza a bacia hidrográfica do ribeirão Limeira, onde será implantado o projeto de revegetação, é um dos muitos exemplos de esgotamento dos

recursos naturais e perda da biodiversidade na região. O desmatamento da área, que se intensificou no século 19 com a cultura do café e continuou com a criação de gado, tem seus efeitos negativos sentidos ainda hoje. A reversão desse quadro em toda a região é de extrema urgência, uma vez que o rio Paraíba do Sul e seus afluentes abastecem mais de 15 milhões de pessoas, incluindo a região metropolitana do Rio de Janeiro. A FCR está dando o “start” em um amplo projeto de corredor ecológico ligando as nascentes do Limeira, na Mantiqueira, até sua foz, no Paraíba do Sul.



Foto Arquivo Pró-Memória

Stephanie Isabel G. de Oliveira

Notas da Cidade

✓ Com apenas dois anos de prática de Judô, Stephanie Isabel Gonçalves de Oliveira, de 10 anos, patrocinada pela Fundação Christiano Rosa, vem colecionando medalhas. Acompanhada pela faixa-preta Daniele Ribeiro, participou, em 14 de outubro, junto com mais duas judocas piquetenses, em Florianópolis/SC, do “Meeting Interclubes”, no qual competiram equipes de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Stephanie ficou em 3º lugar na categoria infantil. Isabela Tavares e Eliza Ribeiro também se destacaram, obtendo, respectivamente, primeiro e terceiro lugares em suas categorias.

A Fundação Christiano Rosa parabeniza as atletas e a Associação de Judô de Piquete pelos excelentes resultados.

✓ A comunidade católica piquetense participou, de 20 a 29 de setembro último, com o tradicional entusiasmo, das festas em louvor ao seu padroeiro São Miguel Arcanjo.

Ao longo da novena, várias sacerdotes proferiram homilias, com diferentes temas. Estiveram presentes, como convidados, diversas irmandades religiosas e instituições. A Fundação Christiano Rosa participou no Ofertório do dia 26.

No dia 29, desde as primeiras horas da manhã, repicar de sinos e foguetes anunciaram o início dos cultos, celebrados na Matriz de São Miguel e também na capela de Santo Antônio, que ficaram lotadas de fiéis. Ao final da tarde, grande concentração na Praça da Bandeira e procissão encerraram as comemorações.



**Acesse, leia e divulgue
o informativo**

“O ESTAFETA”

www.fundacaochristianorosa.cjb.net

Cada um por si. A Lei para todos

Abigail Lea da Silva

Todos os setores do governo estão de acordo. Precisamos responder a uma pergunta: a quem pertence a terra?

Ao governo federal ou estadual? Aos posseiros? Aos quilombolas? Aos índios? Ou aos grileiros?

Estamos acordando agora para a avidez com que os estrangeiros estão comprando grandes áreas do nosso território. Se não sacudirmos a nossa lerdexa, a Amazônia deixará de ser nossa. Não por invasão. Não por decisão da ONU. Mas por compra e venda.

As TVs Educativas fazem uma chamada muito inteligente para os seus documentários. Dizem elas: “Quando a realidade parece ficção, é hora de fazer documentário” (DOCTV).

Quem quer equacionar a questão fundiária no Brasil não pode ignorar a CPI da Terra, comandada, com pulso firme, por Álvaro Dias, senador pelo estado do Paraná. Foi um magnífico retrato da falta de lei que mantém a salvo grileiros e jagunços. Está aí um ponto de partida para, pelo menos, dez documentários.

O problema da terra no Brasil é gerado por três fatores principais: 1. a excessiva concentração de poder na esfera do governo federal; 2. o gigantismo dos estados da parte do território nacional que exige providências a curto prazo, até para evitar tragédias; 3. a inexistência de uma política de migração.

O governo federal inibe a ação dos estados. Basta dizer que, quando os Territórios foram transformados em Estados, o governo federal não fez a transferência das terras.

A área razoável para a atuação de um governo estadual é de, no máximo, quinhentos mil quilômetros quadrados (500.000km²).

Efetuando o noyes fora da opinião nacional, o que se infere é:

– na região centro-oeste deve ser reduzida a área do estado de Mato Grosso;



– a região nordeste deve ceder o Maranhão para a região norte.

Sobra a enorme região norte, que assim deve ser tratada:

– criação de dois estados: Solimões e Tapajós;

– conformação dos estados de fronteira com outros países: Acre, Amapá, Rondônia, Roraima e Solimões (toda a fronteira com a Colômbia, incluindo toda a área da Cabeça do Cachorro).

– formação do estado de Tapajós incluindo os rios formadores no estado de Mato Grosso e o rio propriamente dito no

estado do Pará.

– reorganização territorial com a mudança dos limites dos estados da região; Rondônia e Tocantins receberão o excedente do estado de Mato Grosso.

Estabelecido o novo traçado da região, caberá ao governo federal dar aos estados os instrumentos necessários para que cada um tenha o controle de sua área.

O terceiro e último fator dos problemas fundiários brasileiros é a falta de uma política de migração.

O Incra precisa elaborar um plano de colonização e preparar áreas adequadas aos assentamento dos sem-terra.

Também é preciso desviar o fluxo migratório que congestiona as grandes cidades. Rio, São Paulo e Brasília são vítimas da inoperância dos poderes constituídos.

A presença de mais duas unidades na federação vai trazer pequena mudança no Congresso Nacional.

A Câmara dos Deputados deve admitir um número fixo de parlamentares. O cálculo mais razoável aponta para o número quinhentos e quarenta (540), distribuído conforme a população dos estados.

O número de senadores sobre para oitenta e sete (87). Só que, pelo amor da cidadania, sem a vergonhosa suplência casada!

Com as unidades da Federação na plenitude de seus poderes, os grileiros e os laranjas da compra e venda vão ter seus passos controlados.

E a Amazônia continuará nossa de direito e de fato.

Jongo de Piquete em destaque

O mais recente patrimônio cultural do Brasil tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), no dia 9 de outubro, foi o Samba do Rio de Janeiro, dividido em Samba de Terreiro, Partido Alto e Samba Enredo.

O IPHAN tem tombado onze patrimônios culturais e imateriais, entre os quais o Samba de Roda do Recôncavo Baiano, o Círio de Nazaré, no Pará, o Jongo do Sudeste, o Tambor de Crioula, do Maranhão, o Frevo Pernambucano e o Ofício das Baianas do Acarajé. Os patrimônios imateriais são aqueles que denotam a forma de pensar e ver o mundo, os cerimoniais, danças e artesanato.

A iniciativa de dar reconhecimento ao samba partiu de um pedido do Centro Cultural Cartolam, com apoio da Associação das Escolas de Samba do Rio de Janeiro e da Liga Independente das Escolas de Samba. O presidente do IPHAN, Luiz Fernando de Almeida, lembrou que a conquista servirá para salvaguardar essa forma de expressão.

Com a espetacularização do samba-

enredo, houve redução de solistas de instrumentos como o pandeiro e a cuíca, e também a diminuição de partideiros, os improvisadores. Tornando-se patrimônio imaterial, o Samba do Rio de Janeiro terá apoio em políticas públicas para questões específicas, explica Almeida.

Em 2006, o Jongo do Sudeste também foi tombado pelo IPHAN. Desde então, Piquete, que tem essa manifestação cultural

Grupo de Jongo de Piquete com o Ministro da Cultura, Gilberto Gil, em Santo Amaro da Purificação/BA.



de origem africana presente na comunidade, a vê crescer e ser divulgada por todo o Brasil. Exemplo dessa divulgação foi a apresentação, a convite do Ministério da Cultura, no dia 14 de setembro, em Santo Amaro da Purificação, na Bahia, ocasião em que o chefe daquela pasta, Ministro Gilberto Gil, e diversas autoridades, como o presidente do IPHAN, não só apreciaram, como interagiram com o grupo, dançando com os jongueiros piquetenses.

“Jongo de Piquete: um novo olhar”

Mais recentemente, o Instituto de Estudos Valeparaibanos (IEV) outorgou o prêmio “Eugênia Sereno” ao livro “Jongo de Piquete: um novo olhar”, organizado por Ana Maria Gouvêa e Gilberto Augusto da Silva. A obra é baseada em textos de Dóli de Castro Ferreira, Antônio Carlos Monteiro Chaves e Gilberto Augusto da Silva, elaborados para o processo que resultou no tombamento do Jongo do Sudeste como patrimônio imaterial, e foi enriquecida com imagens que retratam os jongueiros e a trajetória do Jongo em Piquete.